

GUALTER, Katya Souza; SOUZA, Maria Inês Galvão. **Corpos em Dança: deslocamentos de tempos e espaços**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD); Professora Adjunta, Coordenadora do Laboratório PEC DAN (PEsquisa em Cinema e DANça), Diretora da EEFD; Professora Associada, Coordenadora do GPICC (Grupo de Pesquisa Investigações sobre o Corpo Cênico), Vice coordenadora do Programa de Pós-graduação em Dança.

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo compartilhar um período determinante da história da dança na UFRJ, a partir das experiências de duas pesquisadoras, ao longo de 17 anos de convivência (1985 a 2002) junto aos integrantes do Grupo Dança, sob a coordenação da Professora Ana Célia Sá Earp. O campo de observação incide na reativação e continuidade do Grupo, atreladas, fundamentalmente, aos investimentos institucionais decisivos para a sedimentação da dança na UFRJ. Os convívios dançantes envolveram pessoas de etnias distintas, habitares apartados, infância e adolescência em seios familiares social, cultural e economicamente distantes, várias delas, sem qualquer experiência anterior de dança. Imersos/as nessa diversidade, vivemos 17 anos de partilhas que ecoam nas experiências em curso de cada um/a dos/as protagonistas dessa história, imprimindo nos corpos, deslocamentos no tempo e no espaço, seja nas práticas cênicas, aulas de técnica e improvisação, no exercício da gestão, cinema, audiovisual ou em qualquer outro fluxo com enfoque no corpo/movimento. Militantes na Educação e na Arte, campos preciosos e potentes de resistência e combate às opressões, essas pessoas buscam afinações no “por vir” e cultivam políticas emancipatórias nos novos horizontes que se apresentam, múltiplos e inesgotáveis, como um *continuum*.

PALAVRAS CHAVE: História, Deslocamentos, Tempos, Espaços, Pesquisa em Dança.

ABSTRACT: This article aims to share a determinant period in the history of dance at UFRJ, based on the experiences of two researchers, over 17 years of coexistence (1985 to 2002) with the members of the Dance Group, under the coordination of Professor Ana Célia Sá Earp. The observation field focuses on the reactivation and continuity of the Group, linked, fundamentally, to the decisive institutional investments for the sedimentation of dance at UFRJ. The dancing gatherings involved people of different ethnicities, childhood and adolescence in socially, culturally and economically distant family breasts, living apart, some without any previous dance experience. Immersed in this diversity, we have lived 17 years of sharing that echo in the ongoing experiences of each of the protagonists of this story, imprinting bodies, displacements in time and space, whether in scenic practices, technical classes and improvisation, in the exercise of management, cinema, audiovisual or any other flow focusing on the body / movement. Militants in Education and Art, precious and potent fields of resistance and combating oppression, these people seek to refine the “to come” and cultivate emancipatory policies in the new horizons that present themselves, multiple and inexhaustible, as a continuum.

KEYWORDS: History, Displacements, Times, Spaces, Dance Research.

“A arte, assim como a vida, é entendida através de experiências, não de explicações.”
(BOGART, 2011, p. 74)

A ideia de escrever sobre 17 anos que fazem parte da história da Dança na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) veio do desejo de investigar as experiências relacionadas à presença de duas mulheres nessa instituição a partir de suas formações artísticas no âmbito das atividades de ensino, pesquisa e extensão do Departamento de Arte Corporal (DAC) da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD). Esses anos foram fundamentais na consolidação de um campo das artes corporais na instituição universitária. Na década de 1980 ainda procurávamos na dança um caminho de produção autônoma de conhecimento.

Em consonância, instauramos, com a criação artística no Grupo Dança, uma forma de nos libertar da reprodução de modelos constituindo uma rotina de práticas de dança que alicerçaram o processo de maturação de metodologias de ensino e criação na área. O trabalho embasou uma pesquisa consistente e primordial para a concepção da primeira graduação em dança da UFRJ - o curso de bacharelado em dança, fundando no ensino de graduação desta instituição, a dança como área autônoma de formação, conforme veremos mais adiante.

O início... Vontade de aprender...

Em 1985, surgiu uma possibilidade inédita na UFRJ: a perspectiva de montar um grupo que fizesse um espetáculo de dança para circulação em escolas públicas do estado do Rio de Janeiro, principalmente nos CIEPs¹, com a promessa do apoio de bolsas do Governo Estadual. Prontamente, as professoras Ana Célia Sá Earp e Celina Batalha, docentes de dança do DAC, vislumbraram a reativação do Grupo Dança da UFRJ, criado em 1943 pela

¹ Os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), popularmente apelidados de Brizolões, constituíram um projeto educacional de autoria do antropólogo Darcy Ribeiro, que os considerava "uma revolução na educação pública do País". Implantado inicialmente no estado do Rio de Janeiro, no Brasil, ao longo dos dois governos de Leonel Brizola (1983 – 1987 e 1991 – 1994), tinha como objetivo oferecer ensino público de qualidade em período integral aos alunos da rede estadual.

Professora Helenita Sá Earp², e cujas atividades sofreram descontinuidade em 1981 por falta de apoio.

A professora Ana Célia então convidou discentes do curso de licenciatura em educação física da UFRJ para a montagem de um espetáculo. O desafio inicial foi a heterogeneidade do grupo, pois os estudantes acumulavam formações esportivas e artísticas distintas, muitos, sem qualquer experiência anterior de dança.

O interesse da grande maioria era permanecer naquele processo condicionado a remuneração através das bolsas, o que não se efetivou devido a uma mudança política no Governo Estadual. Sem a perspectiva da remuneração, um grupo consideravelmente menor de discentes permaneceu interessado na formação específica em dança. Assim, foi estabelecido um núcleo artístico que constituiu a reativação do Grupo Dança da UFRJ, sob a coordenação da Professora Ana Célia Sá Earp, assumindo naquela época (1985) igual denominação.

Nesse mesmo ano, aconteceu uma primeira apresentação do Grupo no hall da Reitoria da UFRJ, na cidade universitária, Ilha do Fundão. O espetáculo integrou a programação da Jornada de Iniciação Científica Giulio Massarani³, envolvendo toda a UFRJ e, notadamente, o CCMN (Centro de Ciências da Matemática e da Natureza), o CT (Centro de Tecnologia) e o CCS (Centro de Ciências da Saúde). Este último, com destacada atuação do Grupo Dança, na mostra de trabalhos coreográficos. Para tal apresentação, nos encontramos em variados horários e espaços na UFRJ, entre EEFD/campus Fundão e IPUB (Instituto de Psiquiatria)/campus Praia Vermelha.

Dessa forma o Grupo foi se firmando como um projeto acadêmico e artístico de qualidade e relevância. Quem teve vontade de investir naquela conjuntura de aprendizado da dança permaneceu e desenvolveu uma

² Em 1999, a UFRJ conferiu a Helenita Sá Earp o título de Professora Emérita. A solenidade foi realizada em 15 de setembro do ano 2000 no Fórum de Ciência e Cultura/Salão Pedro Calmon - UFRJ campus Praia Vermelha.

³ A Jornada de Iniciação Científica foi criada em 1978, pelo Professor e Pesquisador da COPPE-UFRJ Giulio Massarani, ícone pujante, investidor na capacidade de investigação dos professores e jovens estudantes. A 1ª Jornada envolveu apenas o Centro de Tecnologia/CT e o Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza/CCMN. (AZEVEDO, 2007).

linguagem corporal própria relacionada à *Teoria Fundamentos da Dança*, de autoria da Professora Emérita Helenita Sá Earp.

A *Teoria* vem sendo desenvolvida há 81 anos no Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física da UFRJ. O estudo tem se constituído em uma referência, para a qualificação de profissionais intérpretes, coreógrafos, pesquisadores e professores de dança desta e de outras instituições de ensino da dança no Brasil. Constitui também um dos eixos norteadores de componentes curriculares tanto das graduações em dança e educação física, quanto do mestrado em dança da UFRJ.

Nas atividades diárias do Grupo Dança, a aplicação dos *Fundamentos da Dança* pela professora Ana Célia Sá Earp, ex-aluna e filha da professora Helenita Sá Earp, se transformava pelas suas próprias experiências com o Grupo e com a licenciatura em educação física.

A partir da apresentação no hall da Reitoria, a então Sub-reitoria para graduados e pesquisa (SR-2) concedeu bolsas de Iniciação Científica (IC) aos integrantes do Grupo. Paradoxalmente, o incentivo a produção artística em dança na UFRJ começou com bolsa de apoio a produção científica, pois era a única forma de bolsa para graduação existente na época.

A realidade inaugurada na Jornada de Iniciação Científica em 1985, com apresentações de produções artísticas além das produções científicas, e a grande quantidade de trabalhos artísticos, culturais e tecnológicos na edição seguinte em 1986 motivaram a alteração do nome do evento. Em 1987, a mesma Jornada passou a ser intitulada “Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural (JICTAC)”. Atualmente, a JICTAC constitui um evento anual de grande impacto na formação acadêmica no Brasil, através da troca de conhecimentos e difusão das produções científicas, tecnológicas, artísticas e culturais da UFRJ.

Em 1986, participamos da I Feira Cultural do CLA (Centro de Letras e Artes), evento pioneiro na criação exitosa de espaços agregadores das produções em arte e cultura da UFRJ. Em sinergia com a JICTAC e com a Feira Cultural, os movimentos artísticos da UFRJ entraram em ebulição

contagando toda a Universidade, sobretudo a Administração Central, no tocante a valoração das produções artísticas e culturais no mesmo patamar das produções científicas, no processo da formação acadêmica.

Nesse contexto, 01 ano depois (1987), foi criado o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Artística e Cultural (PIBIAC), pela então SR-1 (Sub-reitoria de ensino de graduação e corpo discente). Sob este inédito e próspero prognóstico para as artes na UFRJ, o DAC inaugurou um capítulo no processo de institucionalização da dança na Universidade brasileira.

A indissociabilidade entre a consolidação da Dança e os investimentos institucionais

O apoio através do PIBIAC situou os alunos das áreas artísticas no mesmo nível daqueles beneficiados pelo PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). A consolidação do PIBIAC reduziu uma defasagem histórica da dança no Brasil como campo de saber, porque ofereceu aos projetos a possibilidade de envolver mais estudantes no campo da experimentação em dança, proporcionando o investimento específico nos processos de criação e apresentação de espetáculos. Cabe observar, que a UFRJ é pioneira no desenvolvimento de um Programa de fomento às produções artísticas e culturais com remuneração equivalente ao PIBIC. (GUALTER; ROBERTO, 2009).

Em 1988, os integrantes recém-graduados do Grupo Dança foram contemplados com bolsa de Aperfeiçoamento concedida pela SR-2, apenas naquele ano. De 1987 a 1998, o PIBIAC (para graduandos) foi gerenciado pela SR-1, instância que permanece mantenedora, sob a denominação de Pró-reitoria de Graduação (PR-1).

Essa perspectiva viabilizou, em 1988 e sob a coordenação geral da Professora Ana Célia Sá Earp, a criação de estágios no processo de qualificação em dança na UFRJ, o que imprimiu ao projeto a conformação de um Programa Interdisciplinar de Iniciação e Profissionalização Artística, assim estruturado: Grupo de Iniciação a Dança (GID), Grupo Experimental de Dança

(GED) e Grupo Dança, com a atuação dos integrantes já graduados (nós duas, André Meyer, Tatiana Damasceno) e outros profissionais do DAC, a saber, as docentes Glória Futuro Marcos Dias⁴, Lucelina Nunes Barbosa, Patrícia Gomes Pereira, Rozane Gomes Tardin, o professor David Santos e a discente (à época) Sonia Ayre Fourny.

Assim, a UFRJ passou a ser representada por 03 níveis (categorias) da dança muito disseminados naquela época: GID (categoria amador 1), GED (categoria amador 2/ semiprofissional) e Grupo Dança (categoria profissional). Em 1996, na Mostra de Novos Coreógrafos realizada no Teatro João Caetano, o Grupo Dança passou a denominação de Companhia de Dança Helenita Sá Earp.

Graças à contiguidade de mecanismos de apoio as produções artísticas na UFRJ, a configuração GID, GED e Grupo Dança foi mantida com êxito durante 10 anos. O Programa permitiu alcançar uma faixa expressamente vultosa de discentes, docentes e técnicos de várias unidades da UFRJ, bem como ampliar a difusão das produções em dança da UFRJ no cenário nacional e internacional.

Em 1989, as Sub-reitorias de Planejamento e Finanças (SR-3) e de Desenvolvimento e Extensão (SR-5) implantaram a Bolsa de Estágio Profissional para Graduados, em vigência de 1989 a 1990. Nesse ínterim, permanecemos trabalhando junto ao Grupo Dança com dedicação exclusiva permitida, em grande medida, por essa Bolsa.

Em 1990, fomos contratadas pela UFRJ como coreógrafas juntamente com outros integrantes do Grupo Dança (André Meyer Alves de Lima, Diógenes Pereira Lima, Marcelus Gonçalves Ferreira, Tatiana Maria Damasceno) e integrantes do Grupo de Danças Folclóricas da UFRJ⁵ (Alex Silva da Costa, Claudia Dias, Elaine Aristóteles Moreira, Frank Wilson Roberto,

⁴ Ex-aluna da professora Helenita Sá Earp, a professora Glória Futuro Marcos Dias, desde a fundação do Grupo Dança em 1943 até a sua aposentadoria em 1993, foi a grande colaboradora da professora Helenita, nas produções de cunho artístico, didático, pedagógico e, nesse contexto, na elaboração e aplicação da *Teoria Fundamentos da Dança*.

⁵ Fundado em 1971, pela professora Sonia Chemale, em 1985, o Grupo passou a coordenação da professora Eleonora Gabriel (Lola). As duas docentes foram alunas da professora Helenita Sá Earp. Em meados da década de 1990, o Grupo de Danças Folclóricas da UFRJ foi nomeado Companhia Folclórica do Rio-UFRJ.

Monica Ferreira Luquet, Paulino Francisco Dias, Rita Fátima Alves, Roberto Barboza, Roseli Aparecida Dutra).

De 1990 a 1994, atuamos no Grupo Dança, como intérpretes criadoras, produtoras culturais, assistentes de coreografia e assistentes também da preparação técnica e artística e da organização administrativa.

No segundo semestre letivo de 1994, como alunas do Curso de Especialização em Técnica da Dança e Coreografia, sob a supervisão e coordenação da professora Ana Célia Sá Earp, atuamos na condução de disciplinas dos setores Técnica, Fundamentos da Dança e Laboratórios, para a primeira turma e no primeiro semestre de implementação do Curso de Bacharelado em Dança da UFRJ.

Concomitantemente, prestamos o concurso Público de Provas e Títulos para provimento de 04 vagas de Professor Permanente, setor Técnica da Dança e Coreografia, cuja disputa foi acirrada entre 44 candidatos. Fomos aprovadas e classificadas, ao lado dos parceiros do Grupo Dança, André Meyer e Tatiana Damasceno.

A partir de 1995, passamos a atuar como docentes da UFRJ, investindo na carreira acadêmica rumo ao mestrado e doutorado, além das atividades de aulas e administrativas, sempre inseridas nos movimentos proativos de fomento as produções artísticas na Universidade.

De 1985 a 2002, o Programa Interdisciplinar de Iniciação e Profissionalização Artística (Grupo Dança, GED e GID) funcionou sob uma única coordenação geral (Professora Ana Célia Sá Earp), com diferentes coreógrafos e um repertório diverso de pesquisas e produções, que mobilizavam uma intensa jornada de trabalho variando entre 20 e 40 horas semanais, ultrapassando, por inúmeras vezes, a carga horária mais alta.

A seguir, elencamos as coreografias que compuseram o conjunto de obras artísticas nesse período.

Programa Interdisciplinar de Iniciação e Profissionalização Artística	Coreógrafo/a(s)	Coreografia(s)
GRUPO DANÇA	Ana Célia Sá Earp	Cio da Terra
		Metamorfoses
		Variações em Percussão
		In-pulsos
		Atos
		Entreatos
		Elogio da Sombra
		Valsinha de Marajó
		Técnica em Arte/remontagem (concepção - Helenita Sá Earp)
		Palestra Ilustrada Fundamentos do movimento – dança/remontagem (concepção - Helenita Sá Earp)
	David Santos e Rozane Tardin	Pas de deux em jazz
GED	André Meyer	Asas
GID	Rozane Tardin	Variações Nozaniná
	Lucelina Nunes	Imagens do Acaso
	Maria Inês Galvão	Tao in
	Tatiana Damasceno	Carne-vale
	Patrícia Pereira	Desvelar

A lamentável e desmotivante interrupção do PIBIAC em 1999 constituiu um retrocesso porque provocou a redução gradual das atividades dos projetos de artes de toda a Universidade. Nessa conjuntura, o Programa (GID, GED e Grupo Dança) sofreu vertiginosa desaceleração, de maneira que, no ano 2002, as atividades deram lugar, definitivamente, aos investimentos de grande parte dos integrantes no processo de capacitação docente já iniciado, precisamente, no mestrado seguido do doutorado.

Felizmente, em 2003, o PIBIAC foi reativado e os projetos artísticos puderam renovar o fôlego. O Grupo/Companhia retomou as suas atividades com uma nova configuração sob quatro coordenações distintas: professor André Meyer (junto com a professora Ana Célia Sá Earp), professora Tatiana Damasceno, professora Maria Inês Galvão, professora Patrícia Pereira. Todos/as seguiram trilhando cada um/a os seus próprios caminhos dançantes, na gestão, na coordenação de projetos e núcleos de pesquisa e produção

artística, inclusive a professora Katya Gualter, sendo que, desvinculada da Companhia.

De 2007 a 2011, além das bolsas PIBIAC pela PR-1, outras possibilidades de bolsas para as áreas das Artes e da Cultura foram concedidas pela Pró-reitoria de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças (PR-3), tanto para formandos (Bolsa de Estágio Profissional para estudantes próximos à conclusão de Curso), quanto para graduados.

Em 2011, a Administração Central criou o Edital Pró-cultura e Esporte, incluindo o apoio às produções artísticas pela Pró-reitoria de Extensão (PR-5) e o Edital de Apoio à Organização de Eventos pela PR-3, por entender que as Artes na UFRJ precisavam de ações institucionais de fomento, para além do PIBIAC. Além desses editais, a PR-5 deu continuidade ao Edital PIBEX (Programa Institucional de Bolsas de Extensão) e ao Edital PIBEV (Programa institucional de Bolsas de Eventos). (GUALTER, 2016).

Em 2017, foi lançado, pelo Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, o Programa de Apoio às Artes/PROART com apresentação dos Grupos Artísticos de Representação Institucional/GARINs contemplados no 1º Edital, entre os quais, NUDAFRO Cia de Dança Contemporânea UFRJ, Cia de Dança Helenita Sá Earp-UFRJ, Cia Folclórica do Rio-UFRJ. O PROART instituiu recursos para pagamentos de bolsas para graduandos, graduados e profissionais não vinculados a UFRJ, além de destinar recursos também para produção artística, apresentação de espetáculos, performances, instalações. Sem dúvida, até o momento, foi o maior avanço da UFRJ rumo à definição de uma política para a Arte e Cultura.

Esses foram marcos importantes no processo de institucionalização da dança na UFRJ, que permitiram ao Grupo/Companhia tornar-se *locus* único de criação, pesquisa e produção de conhecimento em dança. A concessão das bolsas aos estudantes das Artes no mesmo patamar das bolsas aos estudantes das áreas científicas sacramentou o entendimento da Universidade, sobre a importância da pesquisa e produção artística ao longo da formação acadêmica.

Cabe observar, que na primeira fase do Grupo Dança sob a direção da Professora Helenita Sá Earp (1943 a 1981), apesar da extensa produtividade e comprovado reconhecimento no Brasil, Estados Unidos e Europa, o Grupo manteve as suas pesquisas, produções e apresentações com recursos através de doações pessoais e, nesse âmbito, por vezes, de mediações influentes junto ao governo federal. A ausência de investimentos institucionais derivou na descontinuidade do Grupo em 1981, abrindo uma grave lacuna na universidade com relação à produção de conhecimento em dança.

Durante a segunda fase do Grupo sob a coordenação da professora Ana Célia Sá Earp (1985 a 2002), a efetivação de apoios institucionais às pesquisas em artes, incluindo a destinação de recursos financeiros, propiciou a implantação de projetos e numerosos desdobramentos nos anos subsequentes, todos promotores da franca expansão da dança na universidade.

Hoje (2020), a UFRJ constitui um dos maiores núcleos de ensino, criação e pesquisa em dança no Brasil. Quarenta e cinco professores, cerca de 650 discentes e 13 técnico-administrativos integram o corpo social desse núcleo que agrega 03 Cursos de graduação em dança, 01 Curso de graduação em Musicoterapia, 01 Programa de Pós-graduação em dança *stricto sensu* (PPGDan) e mais de 40 projetos de pesquisa e extensão.

Ao falarmos sobre o Grupo Dança da UFRJ, inevitavelmente falamos sobre os afetos mobilizados a partir da composição de um repertório artístico e articulações políticas que culminaram nas experiências e escolhas posteriores das nossas vidas. Quando estávamos juntos, aprendíamos muito sobre a Vida de maneira coletiva pelo caminho da investigação corporal com base na *Teoria Fundamentos da Dança*.

Começamos desse modo, a nos conhecer melhor em encontros e diálogos de corporeidades diversas que atravessavam diferentes trajetórias de Vida. Assim, firmamos parcerias e cumplicidades que se refletiam no acontecimento de cada pesquisa e de cada espetáculo.

O Grupo Dança da UFRJ

No processo de construção dessa realidade, o Grupo Dança teve ressonância na mídia jornalística, conforme assinalado em uma das reportagens reproduzida abaixo.

Grupo Dança da UFRJ. Registro fotográfico realizado no salão de dança Helenita Sá Earp/EEFD-UFRJ. Da esquerda para a direita: Lucelina Nunes, Katya Gualter, Maria Inês Galvão, André Meyer, Marcellus Ferreira e Tatiana Damasceno.



Enfrentar o desinteresse dos colegas é a dificuldade dos alunos de jornalismo da Faculdade da Cidade (à esq.); já o grupo Dança da UFRJ (à dir.) é o representante oficial da universidade

Mauro Ventura
Fotos de Bruno Veiga

DOMINGO 35

ram seu espetáculo multimídia que mistura poesia, vídeo, artes plásticas, música e teatro no Metrô, no bar Perestroika, na UERJ, no Planetário da Gávea, na Facha, na Faculdade da Cidade — menos na PUC. “São muitos os entraves burocráticos. É preciso tanta autorização, que desestimula”, reclama Bruno Levinson, 21 anos. Dificuldades que não vitimam os nove integrantes do grupo Dança da UFRJ. O grupo foi criado em 1943 pela professora Helenita Sá Earp e alcançou fama mundial, tendo se exibido certa vez em 27 universidades americanas. Mas se desfez em 84. Há três anos, a filha de

Helenita. Ana Célia Sá Earp recriou a companhia, junto com 17 alunos. Dos integrantes iniciais, só restam quatro. A qualidade, porém, resistiu ao tempo — tanto que o grupo representa oficialmente a universidade em festivais, eventos, congressos e palestras ilustradas, com um repertório coreográfico próprio.

Outro que não reclama é o batedor e engenheiro civil Sadi Bianchini, 29 anos, do 7º período de Jornalismo da Facha e coordenador do projeto *Nossas Experiências*. Depois de levar Chico Buarque à faculdade, ele convenceu a direção a ceder um palco (montado no

32 DOMINGO

Matéria de Mauro Ventura. Foto de Bruno Veiga. Revista de Domingo do Jornal do Brasil de 11 de Junho de 1989.

Na qualidade de integrantes do Grupo Dança, vivemos a dança por 17 anos, colaborando na criação e interpretação coreográfica, no aparelhamento administrativo, na preparação técnica, além do exercício da docência e demais

atividades com ênfase nos movimentos em defesa de uma universidade pública cada vez melhor, incluída com tenacidade a Arte da Dança.

Durante quase 02 décadas, sob a coordenação da Professora Ana Célia Sá Earp, além do seu incomensurável investimento na qualificação de multiplicadores da *Teoria Fundamentos da Dança*, o Grupo pôde contar também com a atuação valorosa e incisiva, da Professora Celina Batalha. Em meio a outras contribuições primordiais, a Professora Celina atuou ao lado da professora Ana Célia, na coautoria de projetos na UFRJ, entre os quais, podemos destacar: Reativação do Grupo Dança/1986, Curso de Pós-graduação *lato-sensu* em Técnica da Dança e Coreografia/1992, Laboratórios de Artes Integrado à Dança (Laboratório de Arte-educação/LAE, Laboratório de Música e Movimento, Laboratório Coreográfico e de Intercâmbio Artístico-cultural, Laboratório de Vídeo-produção em Dança⁶) aprovado na FUJB (Fundação Universitária José Bonifácio)/1992, Curso de Bacharelado em Dança/1993.

Contudo, mobilizada pela necessidade de fortalecimento da dança no Ensino Público Fundamental do Rio de Janeiro, a professora Celina privilegiou, na sua trajetória profissional, projetos junto a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ)⁷, firmando uma parceria entre DAC-EEFD e SME/RJ. Os projetos conjuntos revelaram uma demanda urgente, pela criação de um curso gratuito de licenciatura em dança, imputando esse compromisso a UFRJ, em virtude do trabalho desenvolvido aliado ao fato de ser a única universidade pública no eixo carioca da formação acadêmica em dança. A parceria DAC-EEFD e SME-RJ culminou com a realização, no ano 2000, do I Curso de Especialização em Dança-educação da UFRJ, sob a coordenação da Professora Celina Batalha e a colaboração da Professora Maria Ignez Calfa, também docente do DAC. Integramos o corpo docente do curso ministrado para 30 professores que trabalhavam com dança na rede pública municipal do

⁶ O Laboratório de Vídeo-produção em Dança é hoje designado Laboratório de Imagem, Criação e Dança (LICRID).

⁷ Em 1981, a Professora Celina Batalha, ex-aluna da Professora Helenita Sá Earp, foi a principal liderança na criação da Mostra Estudantil de Dança da Cidade do Rio de Janeiro, que vem sendo realizada anualmente desde então. Atualmente, a Mostra mobiliza cerca de quatro mil pessoas, entre espectadores, professores, discentes e técnicos de diversas regiões da rede pública municipal de ensino do Rio de Janeiro.

ensino fundamental no Rio de Janeiro e 10 profissionais atuantes em múltiplas ocupações no mercado da dança e áreas afins na mesma cidade e cidades vizinhas.

Em 2007, após 26 anos de parceria entre DAC-EEFD e SME/RJ (1981 a 2007), a UFRJ criou o Curso de Licenciatura em Dança, em sincronia com um episódio da história da Universidade Brasileira no qual vigorou o Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, REUNI/2007, episódio em que foi criado também o Curso de Bacharelado em Teoria da Dança da UFRJ, o primeiro no Brasil, segundo na América Latina e o quarto no Mundo. Importante sublinhar que, antes do REUNI, havia 04 graduações em dança no Brasil (UFBA, UNESPAR, UNICAMP, UFRJ). O Programa REUNI promoveu uma acelerada expansão dos cursos de dança na década de 2000, viabilizando a implantação de mais de 30 graduações na área.

Em um cenário diferenciado, foi criado o Curso Noturno de Bacharelado em Dança (1993/1994) – a quarta graduação pública em dança do país. Esse e demais Cursos na UFRJ, entre outros, Educação Física/bacharelado, Fisioterapia e Fonoaudiologia, foram implantados em congruência a uma política do governo federal de fomentar a criação de graduações noturnas nas universidades públicas federais, para atender, prioritariamente, a uma camada da população que trabalhava no horário diurno.

As proponentes do Curso de Bacharelado em Dança professoras Ana Célia Sá Earp e Celina Batalha pautaram-se nos argumentos construídos pela própria trajetória do Grupo Dança, desde 1943, coadunada as disciplinas relacionadas à dança na licenciatura em educação física e a rotina dos Cursos de Especialização em Dança. Sob a direção da Professora Helenita Sá Earp, de 1943 a 1981, o Grupo Dança foi um valiosíssimo e singular espaço interativo da graduação, principalmente da licenciatura em educação física, com a pós-graduação em dança nas aulas, montagem, treinamento e apresentações dos espetáculos no Brasil e no exterior. De 1985 a 2002, sob a coordenação da Professora Ana Célia Sá Earp, e após a reconfiguração em

2003, o Grupo manteve o enfoque nas pesquisas e produções artísticas, envolvendo discentes, docentes e técnicos de várias unidades da UFRJ.

Nas duas primeiras fases históricas do Grupo Dança (1943 a 1981 e 1985 a 2002), todas as atividades convergiram prevalentemente para a qualificação do intérprete e coreógrafo. Torna-se compreensível então que a primeira graduação em dança da UFRJ tenha sido criada em 1993 (09 anos após a reativação do Grupo e 50 anos depois da sua fundação) com uma estrutura curricular de bacharelado voltado para as especificidades da interpretação e composição coreográfica.

À época, nós duas integrávamos o Grupo e, entre outros, os atuais docentes do DAC, André Meyer, Tatiana Damasceno e Patrícia Pereira. Com elas e ele, participamos de fóruns de discussão, ações voltadas para a consolidação das áreas das artes na UFRJ em interação com as demais áreas do conhecimento na tessitura de uma grande rede de políticas integradas na hélice ensino-pesquisa-extensão.

O termo “hélice ensino-pesquisa-extensão” foi cunhado pelas docentes, pesquisadoras e extensionistas da UFRJ, Angela Brêtas e Michele Fonseca. Na Universidade Brasileira, a palavra “tripé” é costumeiramente utilizada para traduzir a comunicabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. No entanto, “tripé” traz a ideia de um suporte com três apoios rígidos, sem movimento, logo, sem comunicação entre si. “Hélice”, por sua vez, traz a ideia da forma espiralada, de sustentação, mas também de propulsão, do movimento concêntrico rotatório de três suportes desenhando movimentos circulares ininterruptos, em um plano de vários elementos. Nessa perspectiva, o emprego da palavra “tripé” parece inadequado, ao passo que a palavra “hélice” denomina, qualifica e caracteriza a inter-relação ensino-pesquisa-extensão. (BRÊTAS; FONSECA, 2017).

Sob uma visão de Universidade como sendo um mosaico de políticas na hélice ensino-pesquisa-extensão, nos anos subsequentes aos 17 anos vividos no Grupo Dança, interagimos em funções administrativas importantes que nos foram comuns: a coordenação do curso de bacharelado em dança, o

corpo docente do Curso de Especialização em Dança-educação e o Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos cursos de dança. O acúmulo entre essas e as demais experiências desde a infância nos imbuíu do espírito coletivo, o qual nos permitiu ***ver, sentir e viver*** a dança, o corpo dançante muito antes e para muito além dos momentos formais das aulas para aquisição técnica, dos treinamentos, montagens e apresentações.

Nesse sentido e em conformidade com uma das premissas de Helenita Sá Earp, assumimos a dança, provocadas por situações e contextos geradores de tensões, fruições e partilhas. Destarte, a dança é de/para todos os corpos e potencialmente está em todos os lugares. A dança assim incorporada exprime uma atitude poética diante dos variados mundos pelos quais transitamos e somos transitáveis. A Vida então se torna potente como sendo uma infinita dança geradora de forças profundas, únicas, intermináveis, incontáveis. Acreditamos nesses processos de dança muito bem expressos por Anna Halprin⁸:

Imagino um futuro em que muitos de nós nos chamaremos de dançarinos e colaboraremos para fazer uma arte que se preocupe com áreas primárias da vida. Para mim, a paz é um processo de trabalho comunal, uma visão coletiva. A própria dança tenta exemplificar alguns desses métodos de uma maneira verdadeiramente fundamentada e prática para que as pessoas possam dizer: sim, existem perspectivas de sobrevivência. (HALPRIN, 2017).

Conforme já mencionado anteriormente, 09 anos se passaram da reativação do Grupo Dança (1985) à implantação do Curso de Bacharelado em Dança (1993). Quatorze anos depois, a UFRJ implantou mais duas graduações em dança (2007) e, desta data, levou 11 anos para criar o Mestrado em Dança (2018), o segundo no Brasil. De 1985 a 2018 somam 34 anos durante os quais percebemos uma mudança na “mentalidade” da UFRJ acerca da Dança, como campo de conhecimento essencial demandante de cursos autônomos de formação.

O Curso Noturno de Bacharelado em Dança foi aprovado em 1993 no CONSUNI (Conselho Universitário), com a diferença de 01 voto, ao passo que,

⁸ A partir do final dos anos 1930, Anna Halprin revolucionou práticas e pensamentos sobre a dança, inspirando artistas em todos os campos. Uma das pioneiras no uso de artes expressivas para a cura, ela co-fundou o Instituto Tamalpa com sua filha Daria em 1978: Tamalpa Life/Art Process®.

os Cursos Noturnos de Licenciatura em Dança e Bacharelado em Teoria da Dança foram aprovados em 2007 no mesmo Colegiado, por unanimidade. O Curso do Mestrado em Dança foi aprovado em 2018, por unanimidade e aclamação em todas as instâncias da UFRJ. Com base nos dados supracitados, podemos inferir que em 34 anos (1985 a 2018), a UFRJ elevou notadamente o grau de valorização da dança, enquanto área de criação artística, espaço de pesquisa e produção de conhecimento.

Certamente, o trabalho arraigado do Grupo Dança foi um forte motivador dessa mudança. Todavia, as atividades isoladas do Grupo, mesmo com o seu cotidiano fértil, dedicado e competente, não teriam sido suficientes para comover os conselheiros com poder de voto nos Colegiados da UFRJ.

Quais foram então, além do Grupo e a ele aliados, os principais agentes na transformação da “mentalidade” da UFRJ com relação à Dança?

Não temos a pretensão de esgotar aqui todas as situações e movimentos que, felizmente, levaram a UFRJ a modificar a sua visão sobre a dança no processo da formação universitária. Todavia, queremos assinalar alguns acontecimentos de grande e indiscutível impacto para a sua consolidação.

Na segunda fase histórica do Grupo Dança (1985 a 2002), a jornada de trabalho diária era coadunada a militância nos movimentos políticos da UFRJ, inclusive junto a ADUFRJ (Associação de Docentes da UFRJ) e o SINTUFRJ (Sindicato dos Trabalhadores em Educação da UFRJ). Essa conjunção colocou os seus integrantes, principalmente a Professora Ana Célia, engajados na luta por uma universidade plural, pública, laica, gratuita e socialmente referenciada.

Tal engajamento fomentou aproximações de grandes lideranças políticas e acadêmicas da UFRJ a rotina do Grupo Dança, o que, mais tarde se desdobrou na luta pela consolidação das Artes na UFRJ, através de encaminhamentos concisos para a definição de uma Política de Arte e Cultura. As aproximações geraram o envolvimento decisivo de grandes ícones da Universidade nas articulações para a sedimentação da Dança e a formação de

grupos de trabalho em torno da inter-relação da dança com as outras áreas artísticas da UFRJ.

São essas lideranças (em ordem alfabética): Adalberto Ramon Vieyra, Alexandre Magalhães da Silveira, Ana Maria Vergueiro Borralho, Angela Gonçalves da Silva, Carlos Bernardo Vainer, Carlos Moreira da Costa, Eliane Brígida Morais Falcão, Godofredo de Oliveira Netto, Horácio Cintra de Magalhães Macedo, Isabel Cristina Alencar de Azevedo, Liana da Silva Cardoso, Luiz Pinguelli Rosa, Livia Prestes Lemos da Silva, Márcia dos Santos Curvello de Araújo, Márcia Fajardo de Faria, Mauricio Cardoso Arouca, Nelson Maculan Filho, Nilma Santos Fontanive, Rodolfo Paulo Rocco, Sergio Fracalanza, Sônia Leitão da Cunha Figueiredo, Vera Lúcia Rabello de Castro Halfoun, Waldyr Mendes Ramos.

Espraiou-se assim pela Universidade, especialmente nas instâncias superiores, bases e órgãos sindicais, um entendimento sobre a Dança como sendo uma linguagem artística e fundamental campo de saber, no qual a UFRJ precisava investir com afinco. A partir desse entendimento foram desencadeadas ações congruentes, de fato, a consolidação da dança na UFRJ, quais sejam: a criação dos programas com destinação de recursos humanos e financeiros, a implantação das graduações e pós-graduações *lato sensu* e *stricto sensu*, a ampla expansão dos projetos de extensão.

É evidente que todas as conquistas da dança na UFRJ, desde a primeira disciplina a ela relacionada (Rítmica), compõem a colheita dos frutos prodigiosamente semeados, de 1939 a 1981, pela grande Helenita Sá Earp (e colaboradores/as), e que se eterniza em tempos e espaços sob o domínio da mobilidade contínua, em sequenciais transformações. Todavia, os movimentos gerados, da reativação do Grupo Dança em 1985 à sua reconfiguração em 2003, constituíram 17 anos de uma contiguidade determinante para a sedimentação da Dança na UFRJ.

Ao revisitar a nossa história no Grupo Dança percebemos o quanto a memória ganha e produz deslocamentos, o quanto ela é móvel, pois quando lembramos imprimimos movimento ao que se fez e ao que se faz presente.

Segundo Bogart (2011, p. 29), “o ato de lembrar nos liga ao passado e altera o tempo. Somos dutos vivos de memória humana”.

Nessa direção de entendimento, quando revivemos a própria história, revivemos também a relação com o nosso corpo, com os outros, com os variados universos simbólicos em “idas e vindas”. Nesses profundos e enigmáticos lugares do “ir e vir”, o lugar de onde falamos é uma referência fundamental para continuarmos essa partilha, sob uma lógica nada linear de trânsitos por variados Mundos potencializadores da interação entre as diferenças.

Katya Gualter: Filha e neta de boêmios negros e seresteiros do subúrbio carioca, parte da quarta geração de umbandistas, hoje professora, pesquisadora da Dança e gestora pública. Mulher negra, mãe solteira, nascida, criada e moradora da Penha Circular/RJ, em uma casa de fundos construída na sequência de casas acolhedoras de quatro gerações, que foram preenchendo/ocupando um extenso terreno, conforme as famílias foram aumentando. “Minha casa, da qual muito me orgulho, tem uma laje com um chuveirão e uma churrasqueira. A dança e a música me foram apresentadas e me contagiaram ainda na infância nas serestas e giras de Umbanda, mais tarde, também nas rodas de Candomblé”. Mestre, Doutora. A primeira mulher negra diretora da maior Escola de Educação Física deste país.

Maria Inês Galvão: décima primeira filha (a caçula) de nordestinos, brancos e católicos fervorosos. Pai coronel, médico e mãe que seguiu a vida criando filhos e cuidando da casa. Em meio ao trânsito de treze pessoas em uma casa de três quartos no Méier (bairro do subúrbio carioca), aprendi a negociar e reprimir meus desejos em função do coletivo. Éramos nove mulheres e dois homens, sete mulheres seguiram caminhos relacionados ao corpo: educação física, terapia ocupacional, teatro e dança, as duas outras e os irmãos seguiram as ciências exatas e sociais. Depois de dois casamentos, que me deram dois filhos homens, moro em um apartamento grande na Tijuca e realizei o sonho de ter o meu próprio banheiro. Mestre e Doutora. Vice coordenadora do Programa de Pós Graduação em Dança da UFRJ.

A respeito do que fica como história sensível sobre instituição, arte e vida

Compartilhamos aqui momentos de uma história-pesquisa, convidando o leitor a percorrer os limiares entre as realidades de cada uma das autoras, o onirismo transformador da produção artística e o árido cotidiano acadêmico das décadas de 1980 e 1990, quando a arte ainda não havia se estabelecido como campo de pesquisa e produção de conhecimento na UFRJ. Não sabemos se já avançamos o suficiente e nem se um dia chegaremos, com a arte, a um grau de equivalência da valoração conferida ao campo do pensamento científico na Universidade. Mas sabemos o quanto a UFRJ diluiu a dureza de seus argumentos que sustentavam a exclusão das práticas e pensamentos sensíveis e estéticos próprios ao campo das artes.

No momento em que percebemos nosso foco em comum relacionado ao desejo de estabelecer partilhas entre arte e mundos, as fronteiras entre as diferentes realidades se diluem. Invocamos aqui, mais uma vez, Bogart (2011, p. 37) para nos elucidar:

Nossas tendências culturais foram forjadas pelos acontecimentos históricos, sociais e políticos e por pessoas que tiveram a coragem de se levantar e abrir caminho pelo campo frio, de fazer escolhas. Rosa Parks, que se recusava a sentar na parte de trás do ônibus, os operários que entraram em greve, Lillian Hellman, Martin Luther King, artistas e cientistas que romperam com regras clássicas. Nossa cultura é fruto de interações sociais e dos ajustes que fazemos para mudar. Quando traduzidos para contextos diferentes, essas interações e ajustes têm a capacidade camaleônica de mudar de sentido – às vezes apenas ligeiramente, outras vezes radicalmente.

A coragem de Helenita Sá Earp no campo da dança, que ainda se forjava no Brasil na década de 1940, fez com que essa Mulher genial, sagaz, a frente do seu tempo, rompesse com regras relacionadas às técnicas corporais abrindo novos caminhos para deixar fluir e fruir em cada um, a sua dança pessoal. A mestra Helenita criou uma espécie de trama constituinte de princípios para que cada corpo possa descobrir a sua linguagem própria, peculiar, tal como um elogio a imparidade, ao diverso. A partir dos princípios da *Teoria Fundamentos da Dança*, podemos descobrir estratégias e desencadear ações para exaltar o sensível e desenvolver a Dança capaz de integrar Arte, Pedagogia e Gestão, no processo criador.

Em um posicionamento que colabora com a sensibilidade em favor da diversidade, concordamos com Sofia Neuparth (2011, p. 15):

O afastamento da vida cotidiana dos ofícios, da delicadeza ou brutalidade do trabalho manual, do cheiro da terra, da construção de um conhecimento experiencial que implica o corpo em movimento pode ter-nos afastado do ritmo tremendo que caracteriza a vida. A importância do entendimento das diferenças-semelhanças pode ter-nos afastado da capacidade de perceber a passagem entre universos sem o reforço do estilhaço, da segmentação, no entanto... não nos impermeabilizou completamente o sentir. De vez em quando um de nós inclina um pouco a cabeça, franze as sobrancelhas, contorce-se de espanto e abre-se a desconfiança de que estes hábitos que criam formas de vida têm outras configurações possíveis.

Nessa perspectiva, o presente texto foi desenvolvido a partir das nossas experiências pessoais, em que a partilha acontece nos deslocamentos de tempos e espaços, sendo acrescida por cada uma de nós e por todas as pessoas que marcaram e marcam a história da dança na UFRJ, presentes de maneira viva e real. Essas pessoas são Vidas que se prolongam, renovadas em possibilidades de encontros entre ancestralidades, culturas e experiências para além dos contornos físicos, formas e passos.

Ao mergulharmos nessa circulação de forças, nos permeabilizamos para conexões com os próximos, tais como com familiares, amigos, estudantes e assim por diante, entre tantos outros, vendo-nos em cada outro sob uma nova e fortalecida possibilidade de existência. Em outras palavras, nos reinventamos a cada inter-relação de tal modo que, sem deixar de sermos em princípios éticos e estéticos o que somos jamais permanecemos as mesmas.

O cotidiano vivido durante 17 anos junto ao Grupo Dança incitou o cultivo do sensível, nos entrecruzamentos de caminhos gerados nas travessias das diferenças. Esse rico e marcante episódio das nossas vidas imprime uma densidade nas experiências em curso ao longo do processo de formação continuada. Cada uma de nós é provocada a deslocar-se das suas zonas de conforto, cujos trânsitos invocam as concessões mútuas nas relações com os outros. Somos dessa forma, instigadas a reformular, a nos reposicionar constantemente, rumo ao autoconhecimento, pelos caminhos das transmutações.

Ao final desse breve passeio, damos prosseguimento às partilhas potencializadas nos deslocamentos de tempos e espaços. Estamos aqui, mobilizadas, mobilizando... A mobilidade de pontos de vista e os encontros poéticos e inesperados podem ser capazes de denunciar e neutralizar as opressões e repressões nas descobertas libertárias do processo criador em dança. Os deslocamentos podem constituir exercícios de autonomia, do elogio às diferenças, das descentralizações, mas igualmente da alteridade e construção coletiva de Mundos. Apesar do medo diante do “por vir”, a dança nos encoraja a abrir porosidades para nos tornarmos transitáveis e apostarmos na potência da arte, na potência do humano, jamais na negação.

Não será esse o nosso propósito enquanto artistas da dança, criadoras, educadoras, gestoras e pesquisadoras em Artes?

Compartilhando...

Nas travessias, encontros e partilhas...

Seguimos...

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Sandra. Disponível em <https://ufrj.br/noticia/2015/10/22/xxix-jornada-de-inicia-o-cient-fica-da-ufrj-aberta-oficialmente>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

BOGART, Anne. **A preparação do diretor**. Tradução: Anna Viana. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRÊTAS, Angela; FONSECA, Michele Pereira de Souza. O processo de creditação da extensão na EEFD: um panorama. In: **Caderno de Resumos: Centro de Ciências da Saúde. 8ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ. SIAC UFRJ 2017**. P. 4. Disponível em <https://www.siac.ufrj.br>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

GUALTER, Katya Souza. Graduações em dança na UFRJ: avanços e desafios. In: ROCHA, Thereza (Org.). **Seminários de Dança. Graduações em Dança**

no Brasil: o que será que será? Joinville: Nova Letra, 2016. P. 177 a 166. Disponível em <http://www.ifdj.com.br/site/wp-content/uploads/2016/07/IX-Seminarios-de-Danca-Graduacoes-em-Danca-no-Brasil>. Acesso em 25 de janeiro de 2020.

GUALTER, Katya Souza; ROBERTO, Frank Wilson. Apresentação. In: GUALTER, Katya Souza; ROBERTO, Frank Wilson; TOZETTO, Vanessa (Orgs.). **Conhecendo e Reconhecendo a Dança na UFRJ – Anais do V Seminário Interno do Departamento de Arte Corporal da Escola de Educação Física e Desportos. Políticas Culturais para Dança**. Rio de Janeiro: Gráfica UFRJ. 2009. P. 7 a p. 12.

HALPRIN, Anna. Disponível em http://www.azquotes.com/author/20328-Anna_Halprin. Acesso em 20 de novembro de 2019.

NEUPARTH, Sofia. Que corpo é este? Que arte é esta? In: NEUPARTH, Sofia; GREINER, Christine (Orgs.). **Arte Agora. Pensamentos enraizados na experiência**. São Paulo: Annablume, 2011. P. 15 a p. 32.

VENTURA, Mauro. Um diploma de talento. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1989. Revista de Domingo, p. 32, p. 35.